

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Karla Lopes Beck

**Escrever para realizar: a escrita nos
fazeres da cozinha**

Campinas

2013

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Karla Lopes Beck

**Escrever para realizar: a escrita nos
fazeres da cozinha**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Paulilo.

Campinas

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

B388e Beck, Karla Lopes, 1990-
Escrever para realizar: a escrita nos fazeres da
cozinha / Karla Lopes Beck. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: André Luiz Paulilo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Cotidiano. 2. Escrita. 3. Leitura – História. I. Paulilo,
André Luiz. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

13-094-BFE

Folha de aprovação

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Paulilo

Segunda Leitora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Dedico este trabalho a todos aqueles que em algum ou muitos momentos de suas vidas se dedicaram ao cuidado pelo corpo do outro através dos fazeres da cozinha.

Agradecimentos

Ainda que este trabalho seja de minha autoria seria injusto considerar que ele tenha sido feito apenas a duas mãos. Ele é, na verdade, uma compilação da colaboração de várias pessoas, as quais eu não poderia deixar de citar aqui.

Agradeço ao Professor Doutor André Luiz Paulilo pela orientação paciente e cuidadosa deste trabalho.

À Professora Doutora Norma Sandra de Almeida Ferreira pela atenção nos encaminhamentos anteriores à realização do Trabalho de Conclusão de Curso e pelo aceite imediato do convite para ser a segunda leitora desta monografia.

À Helena (em memória), minha avó, pelo imenso cuidado que teve conosco e pela sua contribuição óbvia para este trabalho.

A todos da minha família que contribuíram de várias formas para que eu pudesse realizar tudo em minha vida, principalmente meus pais e irmãos que tem possibilitado e incentivado a continuidade dos meus estudos.

A Leandro Forner, meu grande companheiro.

A todos os professores que contribuíram para minha formação até o presente momento.

A todos os funcionários, professores e colegas da Universidade Estadual de Campinas que, com seu trabalho e colaboração, tornaram possível a realização desta monografia.

À população brasileira que possibilitou que eu continuasse meus estudos em uma Universidade pública.

“(...) sonhei fazer uma escrita pobre, de *escritor público* a quem não pertencem as palavras, cujo nome próprio se apaga, uma escrita que visa à sua própria perda, que repete, à sua maneira, aquele humilde serviço em favor do outro cujos gestos elementares, sempre entrelaçados, exigidos pela indefinida repetição das tarefas domésticas, aquelas mulheres obscuras (...) fizeram ao longo das gerações, na sucessão das refeições e dos dias, na atenção pelo corpo do outro.”

Luce Giard

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso busca investigar os usos feitos da leitura e escrita no cotidiano de uma mulher para montagem de um caderno de receitas nos anos de 1980. Buscando atingir este objetivo são discutidas questões como a importância do suporte do escrito, a história da leitura, as práticas de escrita ordinárias e a rede de sociabilidade que se relaciona ao caderno de receitas e as práticas efetivadas na cozinha. Para tanto a pesquisa se baseia principalmente em autores como Roger Chartier, Michel de Certeau e Luce Giard.

Palavras-chave: Práticas cotidianas; escrita ordinária; história da leitura

Lista de figuras

Figura 1 – Capa do caderno de receitas de Helena.....	22
Figura 2 – Quarta-capa do caderno de receitas de Helena.....	22
Figura 3 – Páginas do caderno de receitas de Helena.....	27
Figura 4 – Recortes de embalagens de alimentos colados no caderno de Helena.....	29
Figura 5 – Recortes de embalagens de alimentos colados no caderno de Helena.....	29
Figura 6 – Detalhe de recorte de jornal com referência à “dona-de-casa”.....	36
Figura 7 – Recorte de jornal com referência à “cozinheiras” e “donas-de-casa.....	37
Figura 8 – Detalhe de recorte de jornal com referência ao pão que “subiu de preço.....	38
Figura 9 – Detalhe de recorte de jornal com referência a tortas salgadas, opções “econômicas” para as refeições.....	39
Figura 10 – Detalhe de recorte de jornal com referência às “donas-de-casa” da classe média.....	39
Figura 11 – Detalhe de recorte de jornal com referência ao pão feito em casa, “uma boa economia”.....	39
Figura 12 – Detalhe de recorte de jornal com referência às ceias natalinas que “simplificaram-se, ficando mais econômicas”.....	40
Figura 13 – Páginas do caderno de receitas escritas por Helena.....	42
Figura 14 – Página do caderno de receitas escrita por Helena.....	44
Figura 15 – Destaque de página do caderno de receitas escrita por Helena.....	45
Figura 16 – Receita com dedicatória escrita por Mazé para Helena.....	48

Lista de tabelas

Tabela 1 – Recortes de jornais encontrados no caderno de Helena.....	32
Tabela 2 – Receitas recortadas de embalagens de produtos alimentícios encontradas no caderno de Helena.....	35

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo I	
A escrita ordinária no cotidiano popular.....	16
Capítulo II	
Ler, escrever, recortar e colar.....	22
Capítulo III	
Escrever para si, fazer para os outros.....	32
Considerações finais.....	51
Referências bibliográficas.....	53

Introdução

Cada vez mais tem-se escrito e lido no mundo, ainda que algumas linhas de pensamento lamentem um “abandono do hábito da leitura”, a decadência dos livros ou a disposição destes a uma minoria. As práticas de leitura e escrita estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, porém em outras múltiplas práticas que muitas vezes extrapolam o que se classifica como culto, profissional ou legítimo. (CHARTIER, 2001a, p. 126) A ocorrência, portanto, destas outras formas de leitura e escrita, tampouco ocorre apenas no meio acadêmico ou entre as camadas de maior poder aquisitivo, mas é verificada entre as camadas populares e em contexto não acadêmico.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender o uso da escrita no cotidiano de uma mulher de minha família na organização de um caderno de receitas nos anos de 1980¹. O caderno de receitas ao qual me refiro é um artefato histórico que chegou a mim através de uma tia, mas que pertenceu a minha avó Marli Helena Beira Lopes. Vasculhar guardados e encontrar algo que pertenceu a alguém, fez parte de seu dia-a-dia e possui sua caligrafia e de outras pessoas foi algo que despertou meu interesse. A curiosidade se aguça ainda mais quando neste objeto podemos encontrar recortes de revista e jornal com conteúdo que diz sobre a época em que foram publicados e tem marcas do tempo que dão pistas de como este material foi utilizado. Destaca-se ainda o sujeito produtor deste material, aquela que escreveu/montou este caderno de receitas: uma pessoa tão próxima, minha “vó Lena”, como costumávamos chamá-la.

Marli Helena Beira Lopes nasceu no ano de 1928 e foi registrada na cidade de Ribeirão Preto. Sempre acreditou ter nascido em Campinas, porém na retirada da segunda via de um documento soube que fora registrada em Ribeirão Preto. Esta novidade a deixou bastante desconcertada, pois amava “ser campineira” e não admitia ter nascido em outra cidade (pedia até que esta informação não chegasse ao conhecimento dos vizinhos do bairro). Helena, quando pequena, morou na Fazenda do Mato Dentro, em Campinas. Estudou até a quarta série do ensino fundamental. Aos nove anos começou a trabalhar em “casa de família” como babá e mais tarde passou para a cozinha. Fazia os pratos que sua mãe, Amélia, ótima

¹A datação do caderno foi feita a partir de indícios encontrados no mesmo, como reportagens de jornais dos anos de 1983 e 1984, porém, uma vez que o caderno de receitas é um objeto de uso contínuo, há materiais nele armazenados que se referem a datas posteriores.

cozinheira, lhe ensinara e que agradava os patrões. Trabalhou ainda em uma fábrica de óleo composto (óleo de cozinha), noutra de ração para vacas e em outros empregos de servente e faxineira. Casou-se em com Manoel Lopes, campineiro, com o qual teve três filhas: Rosamélia, Rosângela e Roseli, estas duas últimas, gêmeas. Para complementar a renda da família, Helena fazia bolos e salgadinhos para vender. Parou de trabalhar fora de casa para ser cuidadora de dois idosos, sendo que um deles, como pagamento pelos cuidados, doou-lhe a casa em que ela morou do final da década de 1970 até sua morte em 2002, quando tinha 74 anos.

Helena foi sempre muito ligada a cozinha e não apenas para os fazeres culinários. Rosângela, uma de suas filhas gêmeas, em entrevista destaca este fato:

O reduto dela em casa sempre foi a cozinha. Usava a sala para ver televisão, assistir uma missa, mas sempre ficava na cozinha esperando sua tia Rosa [Rosamélia]; pedia para Deus por todos e por tudo. Pedia uma boa morte e ela conseguiu essa benção. Ela fazia as orações dela. Gostava de desenhar. Depois que ela fazia as orações dela ela ficava na mesa da cozinha fazendo desenhos, gostava muito de fazer formiguinhas.²

Ótima cozinheira, sábia e bastante católica, Helena demonstrava possuir pela cozinha, pelo alimento e pela mesa um profundo respeito que se estendia às pessoas que saboreavam seus maravilhosos pratos. Não admitia brigas e discussões durante as refeições, pois dizia “Jesus está na mesa!”. Rosamélia, filha mais velha de Helena, relembra em entrevista estes aspectos:

Pensava muito, em todos, no que cada um gostava, nunca fazia algo que qualquer um de nós não tivesse prazer em comer, ou seja, fazia sempre pratos que era do gosto comum. Cozinhava com amor, muito amor, tudo era preparado com um carinho inigualável. Não gostava de barulho ou bagunça quando cozinhava, gostava de um ambiente muito em paz na cozinha. Geralmente gostava de cozinhar sozinha, parecia uma alquimista a manipular temperos, ingredientes diversos, sabores diferenciados. Quase nunca experimentava a comida antes de ir para a mesa, era uma coisa instintiva, ela sabia que estava bom, aliás sempre muito bom, ela conseguia se superar sempre. Criativa dizia: “A cozinha é um lugar para criar a gente tem de inventar!” E, era justamente o que ela fazia, inventava receitas, sabores que somente ela poderia fazer, guardava estas ideias na cabeça, e conseguia repetir

² BECK, Rosangela Lopes (segunda filha de Helena, gêmea de Roseli). Entrevista concedida em 12/10/2012.

sempre que necessário (...) Com um sorriso brando amava receber o famoso: “Que delicia! Tá demais!” E ficava ainda mais feliz quando os netos elogiavam, repetiam o prato e pediam para ela repetir algo que nunca jamais iríamos esquecer. Sempre com amor e carinho dizia também: “Quando se vai para a cozinha, não pode ser com raiva, brigando, sem vontade. Temos que pensar em quem vai comer esta comida, ela tem de ser feita com amor e com bons pensamentos para fazer bem!” E por aí vai, são tantas lembranças...³

Sempre foi muito preocupada com a alimentação da família principalmente quanto à saciedade das filhas, genros e netos. “Deixa as crianças comerem!” Helena ordenava às filhas para que estas não regulassem as repetições nas refeições que a avó tanto desejava. Rosângela relembra a fala de sua mãe Helena quanto à alimentação quando afirma:

ela economizava em outras coisas, mas na comida ela não economizava não. Ela dizia que se você tem vontade de comer, compra e come porque isso é a única coisa que a gente leva da vida. Se tá com vontade, faz carnê, prestação, mas compra e come.

Quando cozinhava Helena utilizava alguns materiais impressos como fonte de receitas. Houve um tempo em que, se juntando os sacos do açúcar “União”, era possível trocá-los por livros de receitas, o que Helena fez. Era freqüente também o uso de um livro de receitas chamado “Entre Marta e Maria”, confeccionado pela Primeira Igreja Batista de Campinas numa campanha para arrecadação e fundos para a instituição. Helena mantinha ainda o seu caderno de receitas, objeto deste estudo. Entre os elementos encontrados no caderno de receitas, encontram-se:

- Receitas manuscritas por Helena diretamente no caderno;
- Receitas manuscritas por outras pessoas em papéis soltos dentro do caderno;
- Recortes de jornais e revistas sobre receitas e dicas para os afazeres culinários
- Pequenos retalhos de embalagens de produtos que contêm inscritas também receitas.

Com o aparecimento do caderno de receitas de Helena e uma leitura preliminar de seu conteúdo surgiram algumas questões:

- Por que uma mulher escreve/monta e mantém um caderno de receitas?

³ LOPES, Rosamélia (primeira filha de Helena). Entrevista concedida em 12/10/2012.

- De que modo este caderno é organizado? O que esta organização revela das práticas de escrita da dona do caderno?
- O que o caderno e seu conteúdo, enquanto artefatos históricos, dizem da época em que foram escritos e das pessoas que participaram de sua confecção?
- Que elementos relacionados ao cotidiano, relações estabelecidas nas cozinhas e práticas culinárias podem ser identificados a partir da leitura deste caderno?

Montar um caderno de receitas parece não ser algo que se faz sem nenhum objetivo. Ao escrever registramos, documentamos, auxiliamos a memória, organizamos ideias. Porém, além de objetivos variados, a escrita também se diversifica quanto aos autores, formas e contextos em que ocorre.

Estudos recentes de Azevedo (2007), Cunha (2007), Fischer (2005), Marques e Silveira (2005), Mignot (2005), Piazza (2009), Thies e Peres (2009) demonstram a diversidade de contextos em que a leitura e escrita estão presentes e os significados que estas práticas podem ter nas vidas das pessoas. Entre as referências citadas estão estudos sobre a escrita em blogs, sobre papéis diversos guardados de uma professora, correspondências trocadas entre Cândido Portinari e sua irmã e a escrita de diários por homens agricultores.

Práticas da cozinha e o estudo do cotidiano foram temas desenvolvidos por autores como Michel de Certeau, Luce Giard e Gilberto Freyre. Certeau, Giard e Mayol (2009) tratam de assuntos como o morar, o cozinhar e a vida cotidiana buscando explorar aspectos que passam pela memória e ficam invisíveis aos olhos daqueles que procuram apenas o “oficial”. Freyre (2004) se destaca por seu pioneirismo em estudar a formação da família brasileira no que se refere à vida privada em elementos como a cozinha, os gostos alimentares, a arquitetura e a vida sexual dos brancos, negros e indígenas no Brasil. A pesquisa a que se propõe esta monografia envolve os temas de pesquisa destes autores para destacar a análise de um tema particular: a escrita ordinária que se relaciona ao ambiente da cozinha e que é realizada por uma mulher específica: Helena.

A fim de alcançar os objetivos deste trabalho a metodologia utilizada compreende uma análise que envolve três elementos: o levantamento bibliográfico de obras que contribuíram para o estudo; entrevistas com familiares de Helena; e a leitura do caderno de receitas. Essa análise do caderno de receitas beneficia-se principalmente da contribuição de dois autores: Roger Chartier – com seus estudos sobre a importância do suporte e materialidade do escrito na relação com a apropriação do texto pelo leitor – e Michael de Certeau – destacando o

cotidiano como possibilidade de campo a ser estudado e discutindo as formas de leitura e apropriação da escrita dos sujeitos.

O trabalho está, portanto, organizado em três capítulos. O primeiro busca explorar o uso da escrita em situações do cotidiano através de discussões que vem sendo feitas em trabalhos recentes sobre a escrita ordinária. Traz ainda o debate envolvendo os usos da escrita e a dicotomia entre a cultura popular e a erudita.

O segundo capítulo objetiva discutir a materialidade do caderno de receitas de Helena baseando-se na história da leitura e da escrita e a importância do suporte.

O último capítulo, por sua vez, trás uma reflexão acerca do que podemos compreender sobre a escrita de Helena e a sociabilidade relacionada ao caderno de receitas e o ato de cozinhar.

Capítulo I

A escrita ordinária no cotidiano popular

Chartier (1995, p. 179) realizando uma discussão sobre a cultura popular e erudita propõe que podemos dividir as definições sobre cultura popular em dois modelos de descrição e interpretação. O primeiro, buscando enfatizar a autonomia simbólica da cultura popular, a concebe independente, “como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada”. Já o segundo modelo de descrição e interpretação explora a relação de dependência da cultura popular à cultura dominante, sendo aquela “definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada” (CHARTIER, 1995, p. 180). O autor ainda destaca que a própria tentativa de classificação da cultura é erudita uma vez que aqueles que desejam delimitar este conceito, caracterizar e nomear práticas não são autores pertencentes a “cultura popular”.

Certeau (2009, p. 335) abordando também o conceito de cultura popular, afirma:

É necessário mais um passo para derrubar esta barreira fictícia e reconhecer que na verdade se trata de *nossa cultura*, sem que o saibamos. Pois as ciências sociais analisam em termos de ‘cultura popular’ funcionamentos que continuariam fundamentais em nossa cultura urbana e moderna, mas tidos como ilegítimos ou negligenciáveis pelo discurso acadêmico da modernidade.

Chartier (1994, p. 184) avança na discussão sobre o que seria o “popular” destacando-o não como uma forma de categorização, descrição de um comportamento ou práticas de um grupo, mas abordando a relação que se estabelece entre os sujeitos e os objetos.

O "popular" (...) qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como "populares" em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.

Partindo das ideias dos autores citados, fazer uma diferenciação entre o erudito e o popular seria considerar a possibilidade de uma classificação de grupos, pessoas, formas de

comportamento e de relacionamento. Existem diferenças, porém a categorização e classificação são arriscadas já que atribuem diversas características a um elemento, o que pode ser um aspecto limitador.

O que há, concordando com Chatier (2001, p. 79), são formas diferentes de relacionamento, modos diversos de pessoas se apropriarem de objetos, ações, comportamentos.

De fato, hoje estão bem atestados tanto manuseio de textos eruditos por leitores que não o são quanto a circulação, nem exclusiva e talvez nem mesmo majoritariamente popular, dos impressos de grande difusão. Os mesmos textos e livros são objeto de múltiplas decifrações, socialmente contrastantes – o que deve levar, necessariamente, a completar o estudo estatístico e distribuição desiguais com aquele de seus usos e empregos.

A classificação entre popular e erudito traz consigo o conceito de classe que pode prejudicar o estudo do cotidiano. Neste trabalho o aspecto a ser destacado é a forma como o sujeito se relaciona com os objetos e mais especificamente, no caso de Helena, o uso que ela fez da escrita para confecção de um caderno de receitas, ou ainda, a relação de Helena com a escrita no cotidiano.

A escrita de diários, montagem de arquivos com materiais diversos e troca de correspondências são temas que vêm sendo abordados em pesquisas sobre o uso da escrita em situações cotidianas.

Thies e Peres (2009) estudam diários que um agricultor escreveu durante grande parte da vida discutindo a cultura escrita como forma de registro e prática social e cultural. As pesquisadoras analisam que para o autor dos diários, fazê-los é uma forma de existir no cotidiano e manter um registro da família e de si mesmo que fique como herança pra as futuras gerações. A escrita do agricultor nos diários descreve histórias da família, casamentos, nascimentos dos filhos, mudanças, dificuldades com o trabalho na lavoura, etc.

Tanto o agricultor que escreve o diário como Helena que monta um caderno de receitas se apropriam da prática da escrita como possibilidade de registro, ou seja, uma composição pela linguagem. Bakthin (2003, p. 261), referindo-se a esta questão, afirma que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido

campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional.”

O modo como se escreve, a regra que estabelece quais elementos podem ou não ser utilizados e o formato escolhido para a composição de um material escrito são elementos que parecem ser pensados, ainda que não conscientemente, pelos autores de materiais como os diários e cadernos de receitas. No material de Helena destacam-se a organização e seleção do conteúdo, pois sua composição não abrange apenas a escrita, mas também colagens de jornais, revistas e embalagens de alimentos contendo receitas. Por sua vez, o contato com este tipo de material alerta para os indícios de outra época e realidade histórica. Freyre (2004, p. 45) se coloca neste sentido afirmando que

estudando a vida doméstica dos antepassados, sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o ‘tempo perdido’. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipa a nossa.

A pesquisa de Piazza (2009), por sua vez, analisa o conteúdo de cartas trocadas entre Cândido Portinari e sua irmã Inês, dezenove anos mais nova, nas primeiras décadas do século XX. A leitura das cartas permite a percepção de elementos como as relações de gênero, os padrões de comportamento e códigos de conduta característicos da época da escrita das cartas. Destaca-se também no estudo a discussão sobre o tipo de escrita que é específico das cartas e como este modelo de escrita é uma forma de comunicação e relacionamento estreito entre os sujeitos.

A rede de relações que transparece em elementos encontrados no caderno de receitas de Helena e o seu uso descrito em entrevistas das familiares da autora do caderno, possibilita também a discussão sobre a relação que se estabelece entre o caderno e os sujeitos que tinham contato com ele ou experimentavam as receitas recolhidas de suas páginas.

Cunha (2007), destacando a escrita de diários, neste caso feito por mulheres jovens da década de 1960 e 1970, traz a importância deste tipo de material para os estudos históricos. Segundo a autora, os diários tomados como fontes históricas são materiais ricos para a discussão de práticas e acontecimentos de tempos passados. Além disso, assumir o desafio de recolher vestígios e juntar fragmentos possibilita ao historiador a valorização de ações da

experiência privada e cria condições para que, o que parece ínfimo, esquecível e indiferente, possa ser redescoberto e legitimado como fonte na pesquisa histórica.

De fato, o cotidiano passou muitas vezes despercebido aos olhos dos estudiosos, principalmente quando se valoriza numa sociedade o que é oficial, legal e pode ser comprovado para que possa ter valor científico. Como afirma Certeau (2009, p. 341)

Conhecemos mal os tipos de operações em jogo nas práticas ordinárias, seus registros e suas combinações, porque nossos instrumentos de análise, de modelização e de formalização foram construídos para outros objetos e com outros objetivos. (...) Neste sentido, a cultura ordinária é antes de tudo uma ciência prática do singular, que toma às avessas nossos hábitos de pensamento onde a racionalidade científica é conhecimento do geral, abstração feita do circunstancial e do acidental.

No campo da historiografia costuma-se ainda reunir sob o nome de “popular” estudos que tratem de elementos cotidianos, ordinários, ou ainda práticas que ocorram num contexto que se diferencie da chamada “cultura dominante” ou se distancie de práticas das “elites ilustradas”. Porém, deve-se destacar que a manutenção de caderno de receitas e a coleção de livros relacionados ao tema não são práticas apenas das camadas populares, vide a montagem, por editoras, de grandes e luxuosos livros culinários. Atividades de leitura e escrita e o registro de receitas são práticas disseminadas em toda a sociedade e podem ser verificadas em estudos como o de Luce Giard (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 2009). Portanto, o elemento diferenciador nesta pesquisa vai além da questão de uma “prática popular”.

O estudo do cotidiano, por sua vez, coloca para o pesquisador um novo desafio, um olhar mais atento ao que parece banal e corriqueiro. Ginzburg (1989, p. 149) contribui para os estudos do ordinário ao se referir a um modelo epistemológico surgido no final do século XIX, um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”. No texto relaciona-se o método desenvolvido pelo italiano Giovanni Morelli aos estudos realizados na psicologia moderna por Sigmund Freud. O método Morelliano que influenciará Freud se caracteriza por um saber indiciário, ou seja, a capacidade de “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”. (GINZBURG, 1989, p. 152) A perspectiva de Morelli se relaciona aos estudos do cotidiano uma vez que propõe um olhar mais atento a elementos secundários de um objeto, ou ainda, generalizando-se, dando legitimidade a outros campos de estudo na sociedade que extrapolem o oficial.

Estudos que se referem a temas como o cotidiano, a alimentação, a cozinha, a leitura e a escrita não são inéditos. Neste sentido, podemos destacar os estudos de Freyre (1975; 2003; 2004), Abdala (1994), Couto (2003), Certeau, Giard e Mayol (2009).

Gilberto Freyre apresenta uma importante contribuição com relação aos estudos do cotidiano abordando, principalmente, aspectos da sociedade brasileira. Em “A presença do açúcar na formação brasileira” (1975, p. 3) o autor se propõe a realizar uma sociologia do açúcar interpretando-o como produto “base de um complexo sócio-cultural de vida e de convivência humana”. Entre os aspectos estudados Gilberto Freyre aborda o açúcar em sua contribuição para o nascimento e crescimento social e econômico do Brasil destacando, por exemplo, aspectos como a arquitetura de Casas-Grandes e Sobrados e a culinária a partir da cana (o doce) no que se refere principalmente ao nordeste. Em outras duas obras, Gilberto Freyre continua seus estudos pautados no cotidiano: *Casa Grande & Senzala* (2004) e *Sobrados e Mucambos* (2003). Nestas o autor busca a reconstituição e interpretação de aspectos da história social da família brasileira estudando as relações que se estabelecem entre raças, classes, religiões e tradições de cultura que contribuem, em última instância, para a formação do povo brasileiro.

Abdala (1994) aborda a cozinha em sua tese de mestrado como um dos pilares centrais para a construção da imagem do mineiro, ou o chamado “típico mineiro”. A autora encontra no âmbito da literatura e política evidências que articulam a comida e a cozinha à identidade mineira. Na pesquisa são discutidas questões como o abastecimento, consumo e preparo dos alimentos em Minas Gerais nos séculos XVIII, XIX e XX, a cozinha como espaço de convívio e relações sociais, mudanças nos padrões de alimentação do povo mineiro e os rituais para consumo de alimentos como expressão de um status social.

Em sua pesquisa sobre a alimentação no Brasil e Portugal e a contribuição dos livros de cozinha para o estudo de relações estabelecidas entre a colônia e metrópole, Couto (2003) traz importantes discussões relacionadas a aspectos culinários. Entre os elementos destacados pela autora em sua tese de mestrado, no que se refere ao Brasil e Portugal, podemos citar os alimentos consumidos no século XIX e os mais antigos livros de cozinha impressos, além da relação da escolha dos alimentos com as orientações médicas da época. O trabalho ainda se destaca pela preocupação em estabelecer um estudo com impressos culinários que se preocupe com a contextualização destes objetos de estudo.

Giard (2009) em sua contribuição para a obra organizada por Certeau, *A invenção do cotidiano*, aborda o tema da cozinha a partir de entrevistas com senhoras francesas. As

discussões da autora envolvem temas como o gênero (uma vez que a presença nas cozinhas francesas é quase exclusivamente feminina); os alimentos usados na culinária francesa e o abastecimento muitas vezes precário; os instrumentos utilizados no ato de cozinhar e mudanças ocorridas com a modernização de equipamentos culinários.

O caderno de receitas de Helena, enquanto produto de uma prática de escrita, configura-se como gênero discursivo secundário – complexo – (BAKHTIN, 2003) já que na montagem do caderno percebe-se a realização de operações complexas como a leitura, escrita, recorte, colagem, troca de receitas, ou seja, há uma elaboração complexa que incorpora e reelabora os discursos primários.

O caderno de receitas apresenta em suas páginas a escrita de Helena e de outros sujeitos e ainda colagens de jornais e embalagens de produtos que contém receitas. Verificamos que no caderno de receitas Helena faz uma bricolagem (Certeau, 2008). Se por um lado ela reúne variados elementos para a montagem de um material particular, a autora o faz apropriando-se dos recortes e receitas de modo a modificar as funções para os quais tais materiais foram confeccionados por seus autores, tema discutido mais profundamente no segundo capítulo deste trabalho.

Capítulo II

Ler, escrever, recortar e colar

Em parte um caderno de receitas se faz com o uso da escrita (através da cópia e escrita de receitas), porém percebemos também a colagem de receitas impressas que simplifica o trabalho da cópia.

Por outro lado a leitura está permanentemente presente na montagem e uso deste caderno. Algo também determinante no objeto deste estudo é o seu formato. O suporte escolhido por Helena para organização do seu conjunto de receitas foi um caderno universitário.

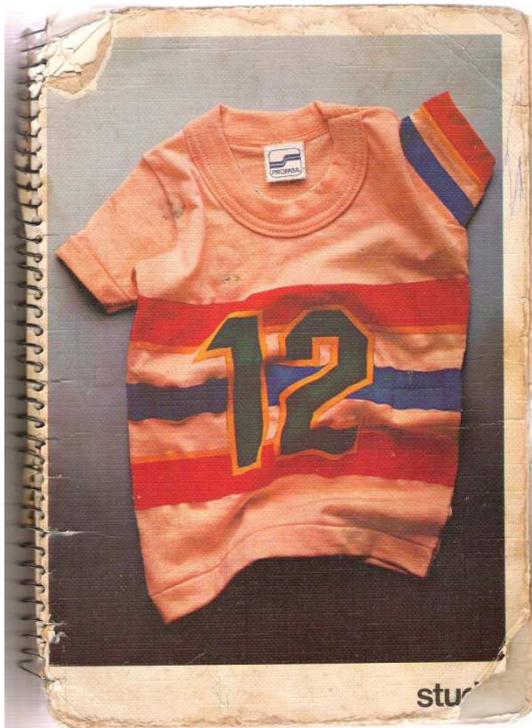


Figura 1 – Capa do caderno de receitas de Helena



Figura 2 – Quarta-capa do caderno de receitas de Helena

Roger Chartier em seus estudos sobre a importância do suporte e materialidade do escrito na relação com a apropriação do texto pelo leitor afirma que os escritos “não existem fora de uma materialidade que lhes dá existência.” (CHARTIER, 2001a, p. 30) Para o autor, elementos como o formato do objeto escrito, a capa, imagens e distribuição do texto são aspectos importantes para um processo de produção de sentido. Além dos aspectos físicos dos

livros o autor, trabalha também com a questão da corporeidade do leitor em seus aspectos físicos “(porque ler é fazer gestos)”, sociais e culturalmente construídos (CHARTIER, 2001a, p. 32).

Chartier (2001a; 2010) destaca dois formatos do escrito: o rolo e o códice. Segundo o autor, é nos primeiros séculos da era cristã que há uma transformação na forma do livro. O códice se impõe em detrimento do rolo ainda que não tenha havido uma revolução técnica da reprodução dos textos, uma vez que se continuava a utilizar a cópia manuscrita. O códice, por sua vez, tendo imposto sua materialidade, obriga a adoção de novas práticas de leitura.

Chartier (1994; 2001a) destacará as diferenças na leitura do rolo e do códice. A leitura feita a partir do rolo exige uma postura corporal diferenciada. As duas mãos são exigidas para sua sustentação, o que impossibilita, por exemplo, que o leitor escreva ao mesmo tempo em que lê uma obra. O códice, por sua vez, além de parecer mais prático já que pode ser sustentado por apenas uma das mãos do leitor e ainda ser apoiado em algum móvel, apresenta vantagens econômicas quanto à sua produção. Segundo Chartier (1994) o custo de fabricação do livro ou do códice é menor já que nele pode-se reunir o conteúdo de vários rolos. Com o códice passa-se a usar os dois lados do suporte, diminui-se o módulo da escrita e estreitam-se as margens. Além das vantagens econômicas há ainda elementos de facilitação da leitura como a paginação, criação de índices e concordâncias.

Partindo do pensamento de Roger Chartier sobre a materialidade do escrito e a importância dos suportes, podemos pensar sobre a determinação destes elementos para a montagem de uma obra, questão que levará em consideração os usos a que o objeto escrito se destina.

No caso do caderno de receitas de Helena, o suporte escolhido é um material utilizado principalmente em ambiente escolar. O caderno universitário com pauta e espiral é, sobretudo, prático para servir como arquivos de receitas e material de consulta. No ato de cozinhar as mãos são muito exigidas e ter de segurar um livro enquanto se cozinha não parece ser algo muito conveniente. É diante deste aspecto que a espiral do caderno parece facilitar muito o momento da culinária uma vez que pode-se manter o caderno aberto sem o auxílio de nenhum recurso durante o preparo dos alimentos. Não podemos, entretanto, descartar a hipótese de o caderno universitário não tenha sido o suporte desejado inicialmente por Helena, mas sim o material que lhe foi acessível uma vez que o caderno universitário poderia ter sido, por exemplo, conseguido por Helena com uma de suas filhas.

Luce Giard no livro *A invenção do cotidiano* aborda a cozinha como um local em que mente e corpo são constantemente requisitados. Ainda que as ações das cozinheiras pareçam simples e despretensiosas, muito é exigido delas. É preciso, organizar, decidir, prever, memorizar, adaptar, modificar, inventar, combinar, etc. (GIARD, 2009, p. 270) Sobre a arte culinária, Giard (2009, p. 219 - 220) afirma que

ela exige uma memória múltipla: memória de aprendizagem, memória dos gestos vistos, das consistências (...) Exige também uma inteligência programadora: é preciso calcular com perícia o tempo de preparação e de cozimento, intercalar as sequências umas às outras, compor a sucessão dos pratos para atingir o grau de calor desejado no momento adequado (...) Cada refeição exige a capacidade inventiva de uma *miniestratégia* para fazer mudança, por exemplo, quando falta um ingrediente ou não se dispõe do utensílio próprio para uma determinada receita. (...) Portanto, entrar na cozinha, manejar coisas comuns é pôr a inteligência a funcionar, uma inteligência sutil, cheia de nuances, de descobertas iminentes, uma inteligência leve e viva que se revela sem se dar a ver, em suma, uma *inteligência bem comum*.

Para a escrita/montagem do caderno de receitas podemos pensar em alguns procedimentos realizados por Helena. Os recortes de jornais e embalagens de produtos contendo receitas e a seleção de outros materiais que podem fazer parte do caderno exigem um critério de escolha e, acima de tudo, a leitura destes materiais, prática também demandada na cópia de receitas.

Roger Chartier e Michel de Certeau são autores que discutem a leitura em suas múltiplas funções e possibilidades. Para Chartier (2001a, p. 95) a leitura “é sempre produção de sentido a partir da experiência do leitor”.

Chartier (2001b) ao se referir a estudos sobre a história do livro em Paris no séc. XVII e em toda a França no séc. XVIII, fala da dificuldade de se obter fontes confiáveis que dessem pistas sobre o número de leitores e alfabetizados da época, quantidade de impressos possuídos, etc. Pesquisas que utilizavam como fonte a leitura de inventários pós-morte foram prejudicadas devido à incompletude e a não garantia de que apenas os livros registrados ali circulavam entre a população. Há ainda o fato de que a posse do livro não era a única forma de se ter acesso ao material escrito já que este poderia ser alugado em livrarias, emprestado em bibliotecas ou lido em grupo ou em voz alta nas ruas.

Segundo Roger Chartier (2001b), estudos clássicos de alfabetização se utilizavam da contagem de assinaturas nas atas de casamentos para a verificação do número de pessoas

capazes de ler e escrever na sociedade antiga. O autor, porém, coloca algumas observações que interferem na interpretação dos dados colhidos nestas pesquisas defendendo que apenas as assinaturas seriam insuficientes para quantificação de pessoas potencialmente leitoras.

O domínio da leitura ocorria antes do sete anos através dos ensinamentos das mães, outras mulheres ou através do pastor que seria como um pedagogo na época. No oitavo ano de idade é que se aprimorava o aprendizado da escrita (no caso das elites), idade também em que alguns garotos das camadas mais pobres da sociedade começavam a trabalhar para complementar a renda da família. Por questões do trabalho e da própria escola da época, muitos das classes populares aprendem a ler, mas não chegam a dominar a escrita. Portanto, há a hipótese de que nem todos que sabiam ler soubessem escrever. Por essa razão, supõe-se que o número de leitores potenciais até o século XVIII fosse maior do que o de assinantes das atas usadas nas pesquisas, principalmente no caso da camada mais pobre da população. Existia ainda a possibilidade de que a pessoa soubesse apenas assinar seu nome, sem necessariamente saber ler e escrever.

No caso da Inglaterra, enquanto os meninos iam para a *Grammar school*, as meninas da mesma época, estas tinham menos acesso à leitura e escrita. Enquanto meninos iam para a *Grammar school* meninas ficavam em casa aprendendo os serviços domésticos e atividades como costura; poderiam chegar a ler, mas não escrever para que se evitassem comunicações indesejadas como troca de cartas com rapazes.

Outro tema abordado por Chartier em suas pesquisas são os tipos de leitura realizadas e a relação destas com os grupos sociais de cada época. Segundo o autor (CHARTIER, 1991), é entre os séculos XVI e XVII, com a capacidade de ler mais difundida, que se verificam novas práticas de leitura. A leitura silenciosa, antes reservada aos copistas dos mosteiros, se faz presente entre os universitários no século XII e alcança as aristocracias leigas no século XIV. Já no século XV a leitura silenciosa torna-se a forma usual de leitura ao menos entre os leitores familiarizados e plenamente alfabetizados. A importância desta nova conquista na leitura se refere ao modo como o leitor passa a se relacionar com o impresso. A oralização do texto apresentava, usualmente, duas funções: para alguns aquela se fazia necessária para a compreensão do que se lia; para outros colocava-se como um ato comunitário, social, quando, por exemplo, lia-se para um grupo obras prioritariamente religiosas (prática comum no campo). Com a leitura silenciosa o que se adquire vai além da capacidade de “entender o texto apenas com os olhos”. A leitura passa a ser algo íntimo, privado e individual; há a “interiorização imediata do que é lido por aquele que lê.” (CHARTIER, 1991, p. 126)

Outro tema relativo à leitura trabalhado por Roger Chartier diz respeito aos seus estilos, podendo aquela ser classificada como intensiva ou extensiva. É a partir de situações observadas na Alemanha na segunda metade do século XVIII e na Nova Inglaterra na primeira metade do século XIX que se constata a passagem da leitura intensiva para a leitura extensiva. A primeira se caracteriza pela leitura de um número reduzido de livros em sua maioria relacionados a um mesmo assunto. Na Alemanha reformada, como na América puritana, a Bíblia é um grande exemplo deste tipo de leitura, principalmente pela prática comum da leitura das passagens do livro sagrado em voz alta para um grupo de pessoas. Há, neste caso, a reverência e respeito pelo livro tido como raro e possuidor do conhecimento desejado pelo leitor. A leitura intensiva se caracteriza, portanto, como um trabalho de apropriação lento, atento e repetido.

Segundo Chartier (2001b, p. 86), é entre os anos de 1785 a 1875, que a leitura extensiva se impõe.

Ela é leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente. É também leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares porque se espalha um contato desenvolvido com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados. Mais superficial, esse novo estilo de leitura traduz um menor investimento no livro e, sem dúvida, uma menor eficácia dos textos, antigamente mestres da vida.

No caso de Helena, o que podemos verificar a partir do objeto deste estudo é que, ao menos para o fim da montagem do caderno de receitas, as leituras que realizava se relacionavam principalmente a receitas propriamente ditas e jornais, dos quais destacava artigos e pequenos trechos de reportagens que tratavam de questões domésticas ou relacionadas à cozinha. Poderíamos classificar a leitura de Helena como extensiva uma vez que, apesar da limitação do tema, os suportes consultados para na montagem do caderno de receitas era variado. A atividade de leitura de Helena tinha uma função prioritariamente prática, principalmente em relação à montagem do caderno. A leitura feita por ela não se dava no coletivo e sim na esfera particular quando se estabelecia outra relação com o impresso. Este servia a ela não apenas como material de leitura, mas também como possibilidade de manipulação que ocorria através de recorte, colagem e organização dos impressos de maneira específica no caderno de receitas.

É, portanto, fazendo uso da leitura que Helena escreve/monta seu caderno de receitas. Apropriando-se de receitas colhidas, impressos diversos, receitas enviadas por outras pessoas, selecionando conteúdo de revistas e jornais e recortando o verso de rótulos de produtos alimentícios, Helena dá forma a seu arquivo de receitas.

Ainda se referindo à leitura, Chartier (2001b, p. 22) afirma que “a recepção é criação, e o consumo, produção”. Para o autor, a forma como um sujeito lê o texto e interpreta-o depende de seu modelo cultural e se encerra nas “condições de possibilidade historicamente variáveis e socialmente desiguais” (CHARTIER, 2001a, p. 22). Por esta razão o leitor torna-se também autor. Ainda que haja no impresso elementos sugestivos (físicos e textuais) quanto ao modo como uma obra deve ser lida, há a individualidade que torna particular cada uma das leituras realizadas. Diante deste fato, constata-se que o modo de apropriação de um escrito será semelhante, apenas, entre indivíduos que pertençam a uma mesma comunidade de interpretação.

No caso do caderno de receitas de Helena podemos propor alguns apontamentos sobre o modo como ela se apropria daquilo que lê.

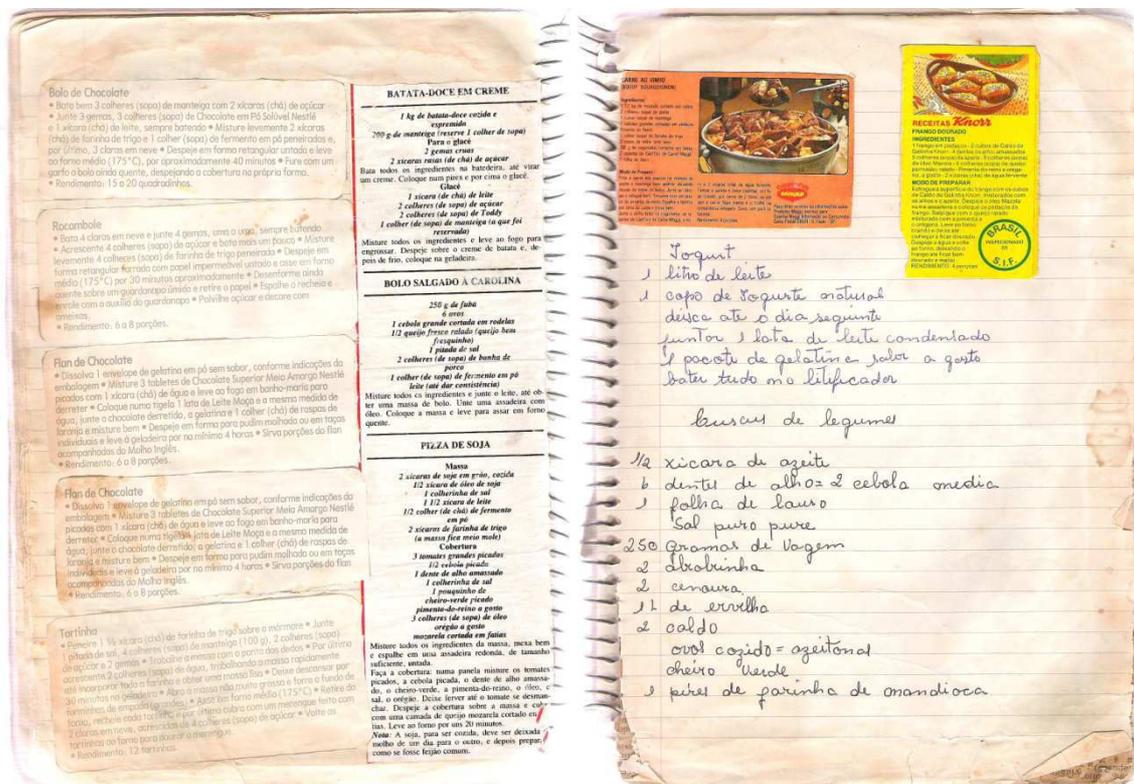


Figura 3 – Páginas do caderno de receitas de Helena

Como pode-se observar nas imagens acima, Helena recortava receitas de algumas embalagens de produtos que mais tarde colaria em seu caderno, ou seja, Helena se apropria de um material escrito de forma específica e particular.

Michel de Certeau (2008) abordando o tema do consumo afirma que a leitura é um aspecto fundamental neste processo. Numa sociedade cada vez mais voltada para a escrita e pautada em mudanças e reformas feitas a partir de modelos escritos, poderíamos substituir o binômio produção-consumo pelo seu equivalente escrita-leitura. O autor ainda discute em seu trabalho o modo como pessoas se apropriam de um produto ou a forma como o consomem. Para Certeau (2009, p. 39) existe certo distanciamento entre a destinação do produto (decidida por seu idealizador ou fabricante) e o uso real que o consumidor faz dele ainda que haja por parte dos produtores um esforço para a produção qualificada de consumo: esta “não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.”

Durante muito tempo recusou-se a ideia de que o consumidor pudesse extrapolar a ideia de uso do produto pré-concebido pelos fabricantes. Como afirma Certeau (2008, p. 262)

A eficácia da produção implica a inércia do consumo. Produz a ideologia do consumo-receptáculo. Efeito de uma ideologia de classe e de uma cegueira técnica, esta lenda é necessária ao sistema que distingue e privilegia autores, pedagogos, revolucionários, numa palavra, “produtores” em face daqueles que não o são. Recusando o “consumo”, tal como foi concebido e (naturalmente) confirmado por essas empresas de “autores”, tem-se a chance de descobrir uma atividade criadora ali onde foi negada, e relativizar a exorbitante pretensão de uma produção (real mas particular) de fazer a história “informando” o conjunto do país.

Helena ao fazer a leitura e recorte de receitas de embalagens de produtos alimentícios e colá-los em seu caderno de receitas está dando um novo uso àquele material.



Figura 4 – Recortes de embalagens de alimentos colados no caderno de Helena

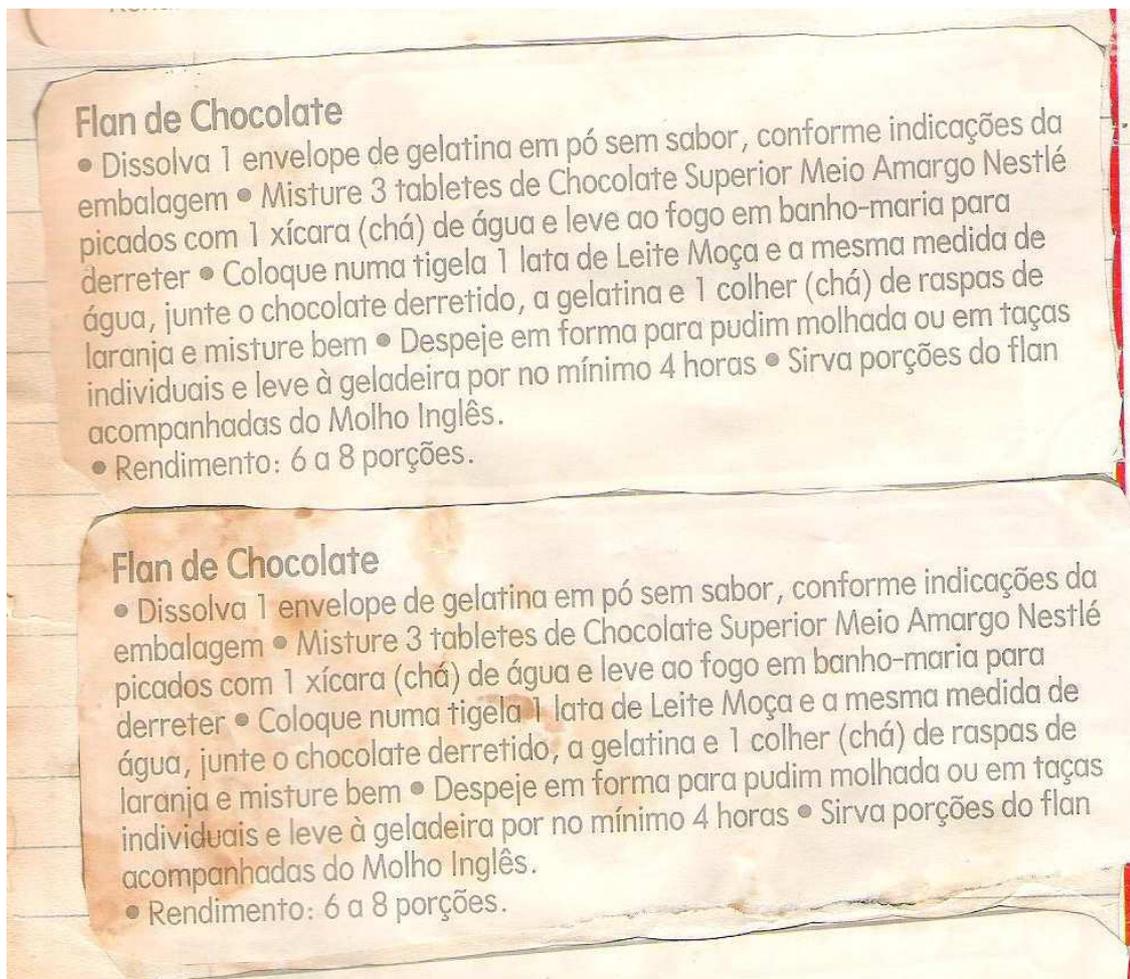


Figura 5 – Recortes de embalagens de alimentos colados no caderno de Helena

Como podemos ver nas duas imagens acima o conteúdo das receitas impressas nas embalagens tem um objetivo publicitário. Destaca-se nas receitas sempre o uso do produto que aquela embalagem contém além da especificidade da marca que deve ser utilizada (é claro, a mesma do produto em que a receita está inscrita). O fabricante objetiva, portanto, que o consumidor, vendo a receita no verso da embalagem, compre e consuma o produto no preparo da mesma. Além disso, frisa-se a necessidade do uso daquele ingrediente específico para preparo da receita.

Quando Helena recorta as receitas das embalagens e as cola em seu caderno de receitas, ela coloca a possibilidade de não colaborar para que o objetivo do produtor seja atingido. Um consumidor que busca comprar um produto normalmente o faz pela necessidade daquele para o preparo de algum alimento, ou seja, não necessariamente o conteúdo daquela embalagem será usado para o preparo da receita do rótulo. A receita então colada no caderno de receitas fixa-se ali como registro do preparo de um alimento que interessou a Helena. Caso decida preparar aquele alimento cuja receita está inscrita no rótulo, a cozinheira está livre para usar produtos de outras marcas que não as indicadas nas receitas.

Como afirma Certeau (2008, p. 40)

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.

O que podemos perceber no caderno de Helena é a manipulação de receitas que ela não criou. Esta manipulação não é, entretanto, um simples recorte e colagem de elementos, mas um processo que abarca a leitura, o recorte, a colagem, a cópia e, portanto, a ressignificação do material escolhido intencionalmente pela consumidora/autora.

De acordo com Giard (2009, p. 212) as atividades culinárias “com seu alto grau de ritualização e seu considerável investimento afetivo (...) exigem tanta inteligência, imaginação e memória quanto as atividades tradicionalmente tidas como mais elevadas”. Por todos estes requisitos e ainda tantos outros que a cozinha coloca, parece bastante compreensível que um caderno de receitas seja um instrumento útil para o cozinhar. Luce Giard, falando mais especificamente dos cadernos de receitas expõe questões pessoais sobre seu posicionamento

frente à cozinha e os afazeres domésticos e ainda a dificuldade em preparar, já adulta, sua própria alimentação sem um material particular com receitas e procedimentos relacionados à cozinha reunidos por ela mesma ou herdado de algum familiar. A autora se surpreende, entretanto, ao perceber que, apesar da recusa em observar e aprender com sua mãe os segredos da cozinha, Giard, sem intenção, havia guardado em sua memória gestos, sabores, odores e sons que a levavam de volta aos tempos de criança e por fim lhe inspiraram no cozinhar. Ainda que não intencionalmente, a autora esteve presente em outra cozinha, aquela de sua mãe e foi neste espaço de sociabilidade que sem perceber, muito Luce Giard aprendeu. O conteúdo do próximo capítulo deste trabalho, portanto, propõe-se a discutir estas questões: o conteúdo encontrado em um caderno de receitas e as relações que se estabelecem a partir dos usos do caderno no ambiente da cozinha e as ações de cozinhar, servir e se alimentar.

Capítulo III

Escrever para si, fazer para os outros

O caderno de receitas de Helena, como já fora explicitado, compreende receitas transcritas por ela mesma e por outras pessoas, recortes de jornal e de embalagens de produtos alimentícios.

Realizando um mapeamento do caderno e de seu conteúdo pudemos reunir dados e propor categorias para classificação das receitas que estão presentes no caderno. Os dados estão a seguir:

- O caderno possui 73 páginas sendo que 35 delas possuem impressos colados e 49 contém receitas manuscritas⁴.

- Total de receitas encontradas no caderno

Pratos salgados: 112

Pratos doces: 134

- Recortes de jornal (presentes em 28 páginas do caderno) – alguns recortes fazem referência a marcas de produtos a serem utilizados na receita

Pratos salgados: 60

Pratos doces: 86

Tabela 1 – Recortes de jornais encontrados no caderno de Helena				
	Referência	Data	Conteúdo	Produto
1	Correio Popular – Seção “Domingo Mulher”	Domingo, 24 de abril de 1983 (Começo do caderno)	Receitas de rosas, pães e bolos	
2	Sem referência	Sem data	Receitas com milho verde	Margarina especial de

⁴ Helena usa o verso da capa e da quarta-capa para colar receitas, portanto, estes “espaços” foram contabilizados como páginas do caderno. Há também páginas que apresentam colagens, outras que apresentam receitas manuscritas e ainda algumas que contém tanto as colagens como a escrita.

				forno e fogão “Flor”
3	Sem referência	Sem data	Receitas de doces variados	Margarina especial de forno e fogão Flor, Nescau, Leite de coco Socôco, Toddy
4	Sem referência	Sem data	Receitas de “Bolos com sabor bem brasileiro” (título da publicação)	
5	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
6	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
7	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
8	Sem referência	Sem data	Receitas com batata	
9	Seção “Culinária” (jornal não especificado)	Sem data	“A deliciosa carne de porco em receitas de dar água na boca” (título da publicação)	
10	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
11	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
12	Sem referência	Sem data	“Sobremesas ideais para o dia-a-dia” e “Truques da boa cozinheira” (títulos da publicação) (2 páginas)	
13	Jornal de domingo – Seção “Culinária” –	Campinas, 16 de dezembro de 1984 (meio do caderno)	“Capriche em sua mesa de Natal” (título da publicação)	
14	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	Receitas naturalistas, receitas de pão e “Os segredinhos das conservas em vinagre”	
15	Sem referência	Sem data	“Aprenda a fazer pão em casa” (títulos da publicação)	
16	Sem referência	Sem data	Dicas de cozinha retiradas de um livro feito por duas benfeitoras do “Lar dos quinze irmãos”	
17	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Tortas salgadas em novas opções” (título da publicação)	

18	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
19	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Uma ceia saborosa festejando o Natal” (título da publicação)	
20	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Prepare pratos a base de aveia” (título da publicação)	Aveia preparo rápido “Quaker
21	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Rosca nota 10” (título da publicação)	Nescafé
22	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Deliciosos biscoitos e bolos para suas Festas Juninas” (título da publicação)	Maizena
23	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	Maisena
24	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Use e abuse do milho e da aveia” (título da publicação)	
25	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	
26	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	Caldo de carne Knorr
27	Seção “Cuca’s” (jornal não especificado)	Sem data	“Os doces que todos repetem” e “Tempo de bebidas quentinhas” (títulos das publicações)	Toddy
28	Sem referência	Sem data	Receitas variadas recortadas de jornais preenchendo uma página do caderno	Margarina Flor, Caldo de carne Knorr, Farinha de trigo Sol, Aveia Flocos Finos Quaker, Farinha de aveia Quaker

- Receitas escritas por Helena:

Pratos salgados: 26

Pratos doces: 35

- Receitas escritas por outras pessoas diretamente no caderno

Pratos salgados: 1

Pratos doces: 2

- Receitas escritas por outras pessoas em folhas separadas do caderno

Pratos salgados: 2

Pratos doces: 4

- Receitas escritas por Helena em folhas separadas do caderno

Pratos salgados: 4

Pratos doces: 2

- Receitas recortadas de embalagens de produtos alimentícios

Pratos salgados: 15

Pratos doces: 3

Tabela 2 – Receitas recortadas de embalagens de produtos alimentícios encontradas no caderno de Helena		
	Receita	Produto
1	Risoto camponês	Cald'oro de Galinha Maggi
2	Encarte da Cica com receitas variadas usando produtos da marca (6 receitas de pratos salgados)	Molho de Pimenta Cica e Pomodoro
3	Carne ao vinho	Cald'oro de Galinha Maggi
4	Frango dourado	Caldo de galinha Knorr
5	Encarte da Cica com receitas variadas usando produtos da marca (6 receitas de pratos salgados)	Molho Capriccio Bolonhesa, Molho Capriccio Frango, Molho Capriccio carne com frango, Molho Capriccio carne com bacon e Azeitonas verdes Cica
6	Bolo Denise	Bolo de festa Sadia
7	Bolo de chocolate	Chocolate em pó solúvel Nestlé
8	Flan de chocolate	Chocolate superior meio amargo Nestlé

- Receitas recortes de algum material impresso, porém sem referência a produtos

Pratos salgados: 4

Pratos doces: 2

Podemos perceber, a partir dos números das receitas, que o caderno de Helena contempla receitas variadas de pratos doces e salgados. Mesmo na montagem do caderno não há divisão de conteúdo. As receitas são escritas ou coladas de modo sequencial, sem separação entre doce e salgado ou receitas escritas e coladas.

Observamos ainda que não só de receitas é feito o caderno de Helena. Houve o desejo da autora de também coletar impressos de jornal que dão dicas sobre os afazeres da cozinha, “truques” para limpeza dos materiais usados na culinária e indicações de comportamentos esperados para uma “boa dona-de-casa”.

Observamos ainda que não só de receitas é feito o caderno de Helena. Houve o desejo da autora de também coletar impressos de jornal que dão dicas sobre os afazeres da cozinha, “truques” para limpeza dos materiais usados na culinária e indicações de comportamentos esperados para uma “boa dona-de-casa”.

Verifica-se, a partir de recortes de jornal datados encontrados no começo e meio do caderno de Helena que sua montagem (ou, ao menos, grande parte dela) se deu nos anos 1980. Os recortes de jornal encontrados no caderno podem indicar algumas especificidades desta época. Observamos nos recortes a seguir alguns discursos que se repetem.

- Nos artigos de jornal que trazem receitas e se referem a quem as fará, faz-se referência às mulheres, às “donas-de-casa” ou cozinheiras;

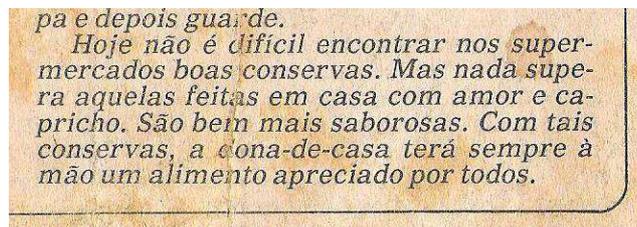


Figura 6 – Detalhe de recorte de jornal com referência à “dona-de-casa”

Sobremesas idea

Sobremesas rápidas, gostosas e fáceis de fazer são nossas sugestões para as donas-de-casa atarefadas com mil problemas e que não podem passar horas e horas junto ao fogão. Experimente e receba os elogios da família inteira.

QUINDIM DAS MUCAMAS

Ingredientes: 450g. de açúcar; 12 ovos (sendo 10 gemas e 2 inteiros); 2 tabletes (100g. cada) de margarina

especial de forno e fogão; 1 xícara (chá) de coco ralado fresco.

Modo de Fazer: Bata em creme a margarina flor com o açúcar; agregue as gemas,

uma a uma e os ovos inteiros. Misture bem, acrescente o coco e bata até abrir bolhas. Deixe descansar no mínimo por quatro horas. Unte uma forma redonda (pequena) com margarina flor, polvilhe açúcar e leve a assar em forno pré-aquecido e quente, em banho-maria.

ROCAMBOLE FLORIDO

Ingredientes: 1 copo de suco

APRENDENDO

Truques da boa cozinheira

Cozinhar bem não exige ingredientes caros, nem equipamentos sofisticados, nem mesmo receitas milionárias. O que exige, antes de tudo, é bom senso e higiene. Além de conhecimento dos valores nutritivos dos alimentos. Porque comer bem não significa comer demais, mas saber tirar proveito de produtos naturais, simples e também gostosos, preparados com capricho.

A dona-de-casa precisa conhecer bem os segredos da cozinha para poder mandar e exigir. Mas como, hoje, as cozinheiras de forno e fogão são raríssimas, quase sempre, nas casas de classe média, são as próprias donas-de-casa que se encarregam dos serviços domésticos, inclusive da cozinha. Se ela for prática e atenta a certos truques saberá fazer tudo com rapidez e propriedade.

• Vejamos hoje alguns segredinhos relativos a temperos e molhos.

• Para descascar e picar cebolas, não há necessidade de chorar. Faça assim: ou faça esse serviço com a torneira aberta, ou ponha dois palitos de fósforos entre os dentes com a ponta de riscar do lado de fora. Eles absorvem os vapores da cebola.

• Mergulhando a cebola por uns minutinhos em água bem quente, facilita-se o trabalho de descascar e o cheiro forte diminui. É uma boa idéia quando a gente vai preparar picles de cebolinhas.

• Juntar azeitonas dentro do vidro de óleo melhora o sabor de ambos. Deixe-as lá por uns 15 dias.

Conhece estes segredinhos?

• Se achar muito forte o gosto de cebola, trate de descascar, cortar em rodela e deixar a cebola em água bem gelada com uma colher de açúcar, de 30 a 60 minutos, retire e terá um sabor mais delicado.

• O alho precisa ser bem esmagado: e um jeitinho fácil é colocá-lo dentro de um plástico e bater bem nele com o martelo de carne. Então, é só retirar a casca solta e aproveitar a massa do alho.

• A gente pode comprar a massa do alho, já industrializada. Mas fica bem

mais barato e gostoso prepará-la em casa, batendo o alho no liquidificador e misturando-o com sal. Depois é só guardar a massa na geladeira, bem fechadinha em vidro de boca larga.

• Este aperitivo é simples: azeitonas de gourmets, verdes ou pretas. Escorra o líquido, junte uma ou duas colheres de óleo e tempere com sal, pimenta vermelha em pó, orégano, misture bem.

• Naturalmente as ervas de tempero, doces ou picantes são melhores quando colhidas recentemente. Tenha no quintal um canteiro para salsinhas, cebolas verdes e outros temperos. Mas se morar em apartamento, plante tudo isso em vasos ou jardineiras.

As grandes cozinheiras fazem assim

• Boa cozinheira não é a gastadeira, a que precisa de numerosíssimos ingredientes caros para preparar uma salada, um assado, uma simples sopa. Mas a que é capaz de fazer render o que tem às mãos e a que sabe fazer uma torta com uma asa de frango e ainda receber elogios. Quem dizia isso era dona Luisa Barbosa de Azevedo, ex-presidente do MAF e criatura de saudosa memória.

• Quando o vidro de molho de tomates, ao ser aberto, não solta o conteúdo, use um truque: ponha um canudinho até o fundo. O ar que entra ajuda a mistura a escorrer da garrafa.

• Não é difícil fazer um molho douradinho. Use a farinha torrada e torre-a assim: espalhe a farinha sobre um pedaço de papel de alumínio e coloque no forno, junte com o assado ou bolo. Quando bem dourada, use para engrossar os molhos.

• A maionese desandou. Que desastre! Retire o molho desandado e bata em alta velocidade no liquidificador uma gema com uma colher de vinagre. Aos poucos vá adicionando à maionese desandada, que irá se encorpendo. Fica perfeita.

• Se quiser secar as ervas do tempero, use um forno morno, apagado ou faça-o sempre à sombra. Se forem secas ao sol ou em forno quente, elas perdem o perfume.

Figura 7 – Recorte de jornal com referência à “cozinheiras” e “dona-de-casa”

A partir destes recortes podemos pensar sobre o material escrito a que Helena tinha acesso. Estes escritos explicitam uma visão do cozinhar e das responsáveis por esta atividade nos lares: as mulheres – donas-de-casa ou cozinheiras de forno e fogão. Estas são representações registradas nos jornais que estão presentes no caderno de Helena, porém não é possível confirmar se a autora do caderno concordava com a visão de mulher explicitada nos recortes.

- Vários recortes de jornal trazem receitas e orientações para a cozinha que citam formas de economia

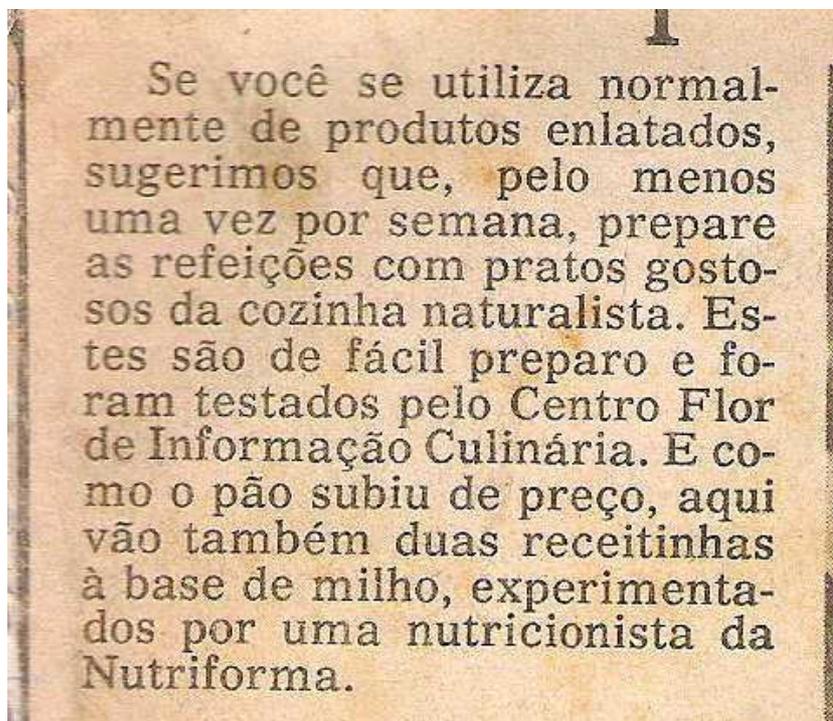


Figura 8 – Detalhe de recorte de jornal com referência ao pão que “subiu de preço”

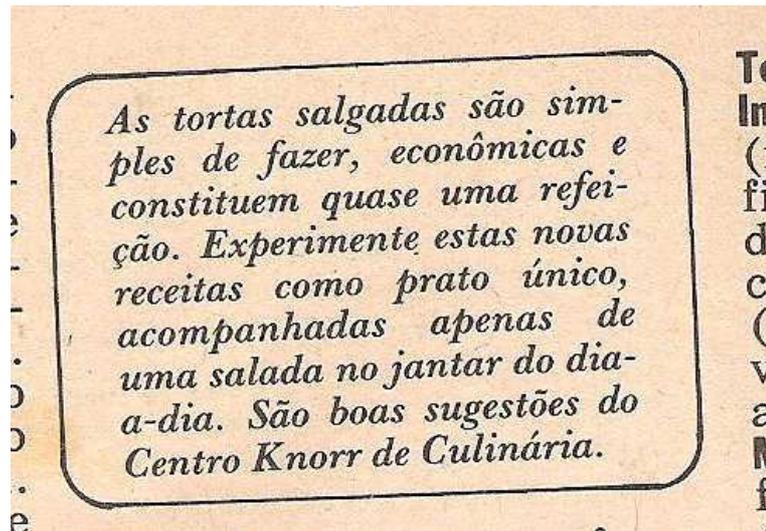


Figura 9 – Detalhe de recorte de jornal com referência a tortas salgadas, opções “econômicas” para as refeições

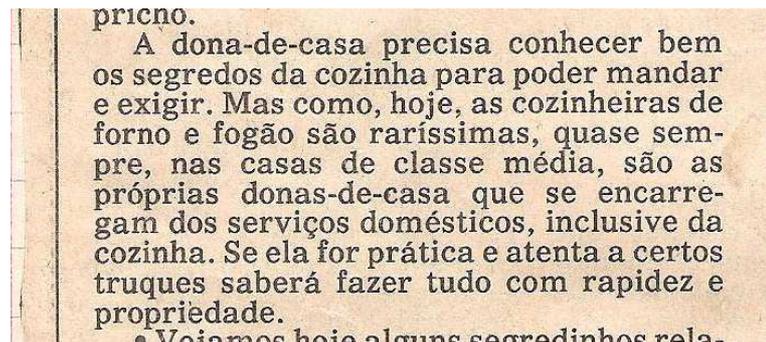


Figura 10 – Detalhe de recorte de jornal com referência às “donas-de-casa” da classe média

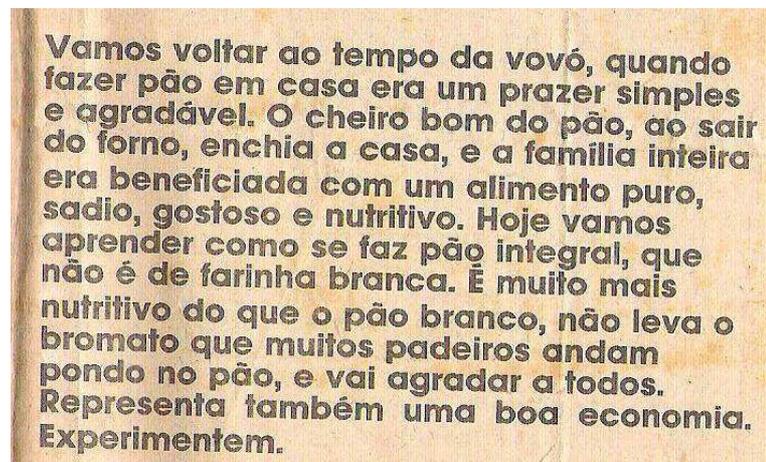


Figura 11 – Detalhe de recorte de jornal com referência ao pão feito em casa, “uma boa economia”

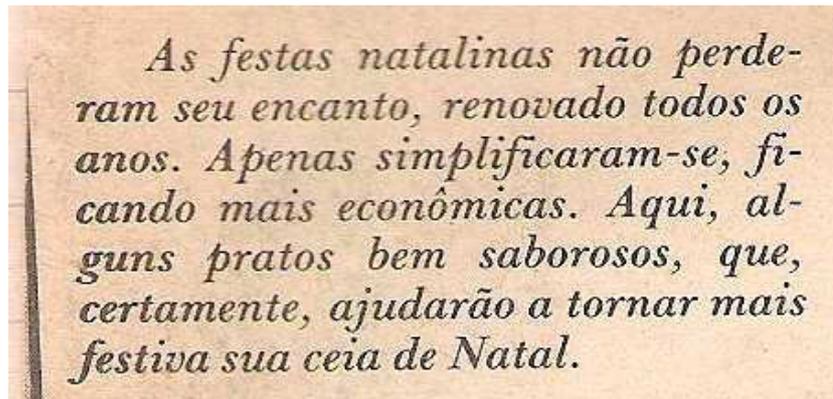


Figura 12 – Detalhe de recorte de jornal com referência às ceias natalinas que “simplificaram-se, ficando mais econômicas”

Estes recortes podem explicitar o contexto econômico em que Helena estava inserida na época da montagem do caderno. De acordo com as informações dos recortes havia a preocupação com o gasto que as receitas ocasionariam às cozinheiras e as possibilidades para economizar. Helena não era alguém com muitos recursos, portanto, podemos pensar que receitas que prezavam pela economia tenham chamado a atenção da autora já que o gasto necessário ao preparo das refeições provavelmente era algo a ser considerado por ela. Um ponto, entretanto, deve ser retomado. Ao lembrarmos a entrevista de Rosângela, uma das filhas de Helena, se destaca sua fala relacionada ao fato de sua mãe não economizar nos alimentos: “Ela dizia que se você tem vontade de comer, compra e come porque isso é a única coisa que a gente leva da vida. Se tá com vontade, faz carnê, prestação, mas compra e come.”

Questionada sobre esta aparente contradição, em uma nova entrevista⁵ Rosângela afirma:

Por um lado a mãe não deixava de comer nada porque era caro. Bacalhau, por exemplo, ela comia uma vez só no ano, mas comia, não deixava de fazer porque era caro. Durante o ano conforme era época de alguma coisa ela usava; se algum ingrediente da receita estava caro era substituída por outro. Mas nas datas especiais ela fazia coisas caras, economizava durante o ano para comer essas coisas em datas especiais. Comprava até carneiro no Natal porque o meu pai gostava!

Diante destas informações podemos sugerir que a preocupação de Helena, assim como grande parte da população brasileira, com as questões econômicas relacionadas à cozinha era algo constante. Uma vez que havia o desejo de comer alimentos que não eram acessíveis em

⁵ BECK, Rosângela Lopes. (segunda filha de Helena, gêmea de Roseli). Entrevista concedida em 26/05/2013.

qualquer época do ano a cozinheira planejava as refeições para que fossem possíveis pratos mais caros esporadicamente.

Observa-se nestes trechos destacados os discursos de uma época. Vemos que estes recortes de jornal se relacionam a temas culinários, porém não necessariamente incluem receitas. Para a autora do caderno parece ser importante também reunir informações que lhe são caras e “merecem” estar no caderno junto às receitas que se relacionam à prática do cozinhar. A seleção e inclusão deste material no caderno indica uma prática de leitura que se relaciona a cozinha e considera importante o registro de conteúdos relacionados a questões de gênero, política e economia da época em que o caderno foi montado; de alguma forma estes recortes contribuem para o material reunido por Helena.

Quanto à escrita da autora do caderno podemos levantar algumas hipóteses. No que diz respeito à organização da escrita das receitas, segue-se um padrão como podemos ver na imagem a seguir:

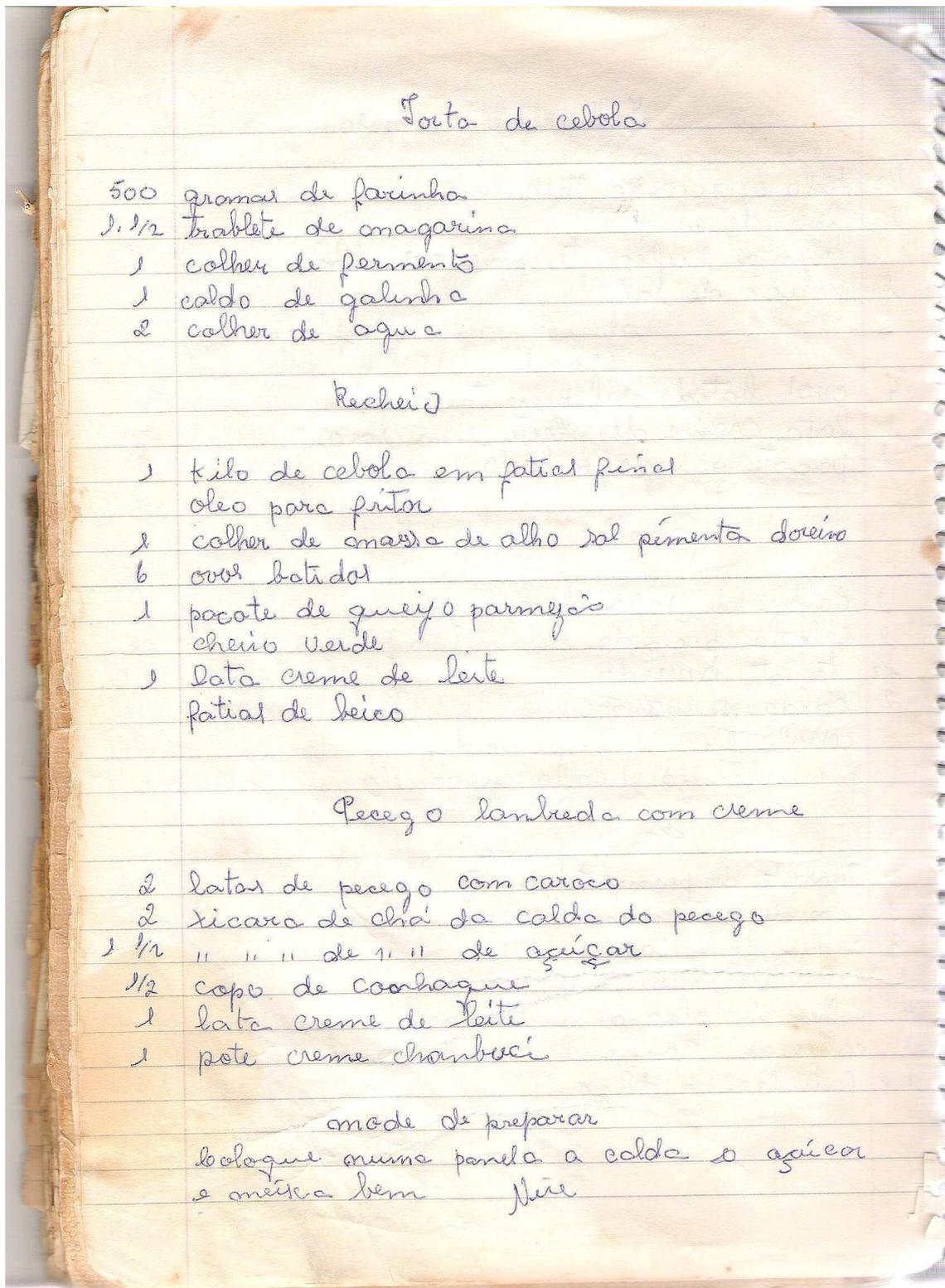


Figura 13 – Páginas do caderno de receitas escritas por Helena

Os títulos e subtítulos são escritos de forma centralizada. A quantidade dos ingredientes é colocada do lado esquerdo da linha que indica a margem da página enquanto os nomes dos ingredientes são colocados do lado direito da linha. Há ainda uma indicação ao

final da folha – “Vire” – quando a escrita da receita não termina na mesma página. Verificamos através destes indícios que há por parte da autora uma preocupação quanto à organização da escrita. Helena, tendo estudado até a quarta série do ensino fundamental, parece apresentar em seu caderno os conteúdos que aprendera. Como afirma Moraes (2009, p. 17) no processo de escrita deve-se refletir não apenas em o que será dito, mas também “como será dito, ou seja, qual a forma discursiva mais adequada à situação e ao que se pretende comunicar”. A estrutura de escrita das receitas não é a mesma da escrita de uma carta, por exemplo, já que há algumas regras a serem seguidas (explicitar o nome da receita, apresentar os ingredientes separados do modo de preparo, criar alguma organização para a apresentação de quantidades, formas de medida e itens a serem utilizados nas receitas). Quando escreve e/ou copia as receitas em seu caderno Helena demonstra conhecer a estrutura da escrita de receita e, portanto, tem familiaridade com este gênero discursivo. Já o uso que ela faz do caderno em sua materialidade e a organização que propõe neste material podem ser indícios do período de escolarização pelo qual a autora passou uma vez que o modo de organização do conteúdo da escrita (centralização do título, uso da margem, indicações de que o texto continua na próxima página) são aspectos trabalhados durante a escolarização.

Ainda em relação à escrita e escolarização de Helena o caderno contribui com outros indícios.

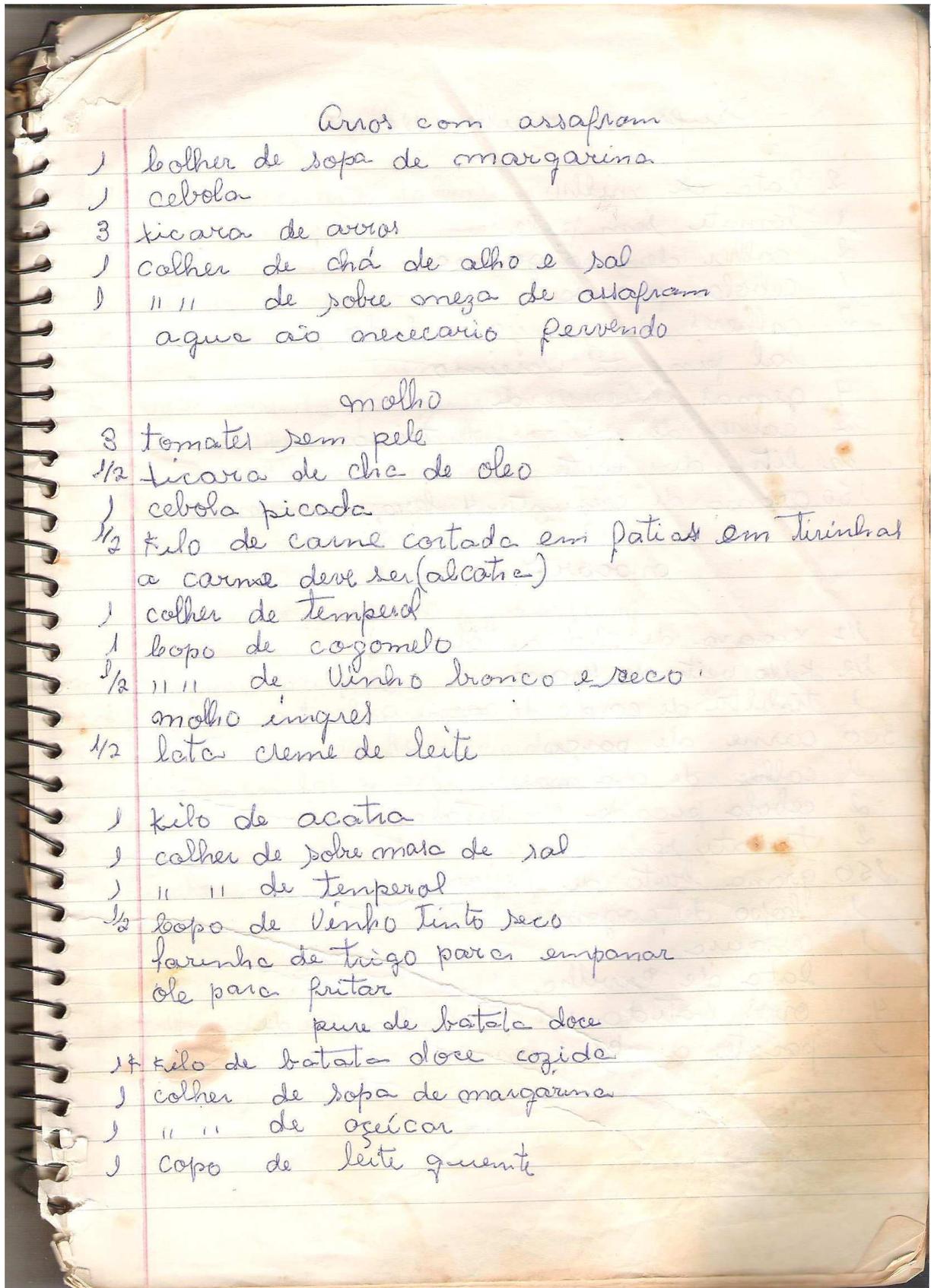


Figura 14 – Página do caderno de receitas escrita por Helena

Podemos ver alguns erros ortográficos na escrita da autora principalmente relacionados à grafia dos fonemas. Soares (2005) afirma que a consciência fonêmica é a compreensão e percepção das relações entre fonema e grafema. A partir da figura acima observamos que Helena comete erros nas palavras “arros”, “assafram”, “xicara”, “sobre meza”, “agua”, “nececario”, “cha”, “oleo”, “cogomelo”, “ingres”, “acatra”, “tenperol”, “sobremasa”, “ole” e “pure”.

Fica claro que ela escreve as palavras de modo semelhante a sua fala talvez pela escolarização interrompida ainda nas séries iniciais do fundamental, uma vez que estes erros são comumente cometidos por pessoas que estão ainda no processo de alfabetização. Soares (2005, p. 12) diz com relação a isso, ainda que se referindo a crianças, que

a consciência fonêmica se desenvolve em interação com a aprendizagem da escrita, é um processo de mão dupla: a criança precisa ter consciência fonêmica para se apropriar do sistema alfabético da escrita, mas é também no processo de se apropriar dele que vai conquistando a consciência fonêmica.

No caderno de Helena podemos verificar uma escrita em que esta “mão dupla” a que se refere Magda Soares está presente.

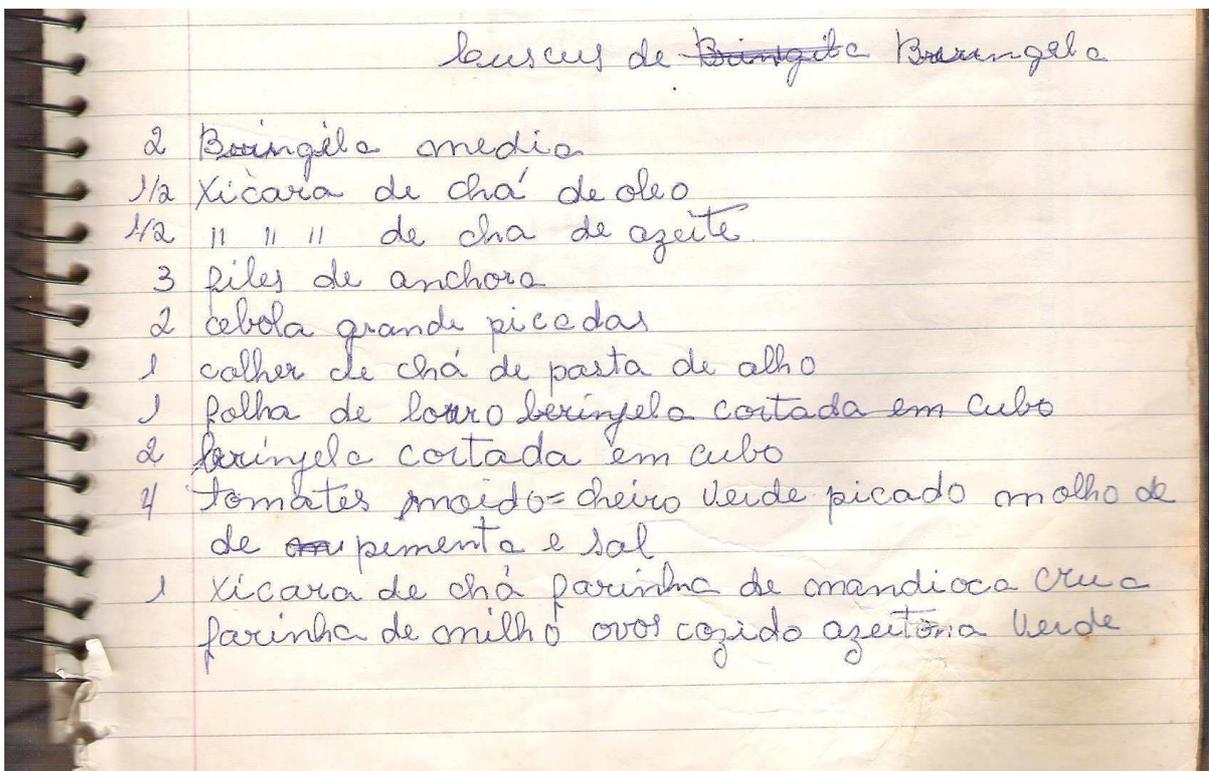


Figura 15 – Destaque de página do caderno de receitas escrita por Helena

Vemos na figura retirada do caderno de Helena que apesar de cometer alguns erros ortográficos ela parece perceber em algumas palavras que sua hipótese de escrita contém incoerências. Observamos pelas rasuras que a princípio a autora escreveria “Bringela”, porém percebendo que poderia haver algum erro reescreveu a palavra como “Beringela” (mesmo com a troca do “j” pelo “g” há a intenção de correção). No decorrer da receita Helena continua seu esforço em manter a palavra grafada de modo correto e alcança a escrita correta de “berinjela” na última ocorrência da palavra na receita. Ou seja, observamos nesta situação que a própria escrita da receita se colocou como uma situação de aprendizagem prática para Helena.

Há ainda algo inusitado nas receitas escritas uma vez que algumas se encontram repetidas no caderno. Há seis casos de receitas que foram copiadas de artigos recortados de jornal (uma delas foi copiada à mão, por Helena, duas vezes no caderno). Poderia ser levantada a hipótese de que Helena faria isso para colocar detalhes a mais nas receitas ou mudar algo nelas, porém a reescrita ocorre quase que de forma idêntica ao que se encontra no impresso (as mudanças são apenas a retirada de algumas referências como indicação da marca do produto a ser usado na receita). Outra suposição seria a de que Helena reescreva as receitas, pois seria mais fácil lê-las com a letra manuscrita da autora. Uma terceira hipótese seria a de que Helena reescrevia as receitas que mais lhe agradavam. No objeto deste estudo encontra-se ainda a escrita de receitas que foram começadas, mas interrompidas. Algumas páginas à frente Helena retoma a escrita e expõe a receita completa.

Não podemos deixar de destacar a especificidade do objeto deste estudo. Sendo ele um material particular que pertenceu a alguém já falecido coloca-se a dificuldade em não poder afirmar com exatidão as intenções e porquês dos elementos encontrados no caderno. Colocamos algumas hipóteses, porém sem que seja possível uma confirmação. Esta questão se coloca, por exemplo, quando observamos as receitas escritas por Helena (identificadas pelo estilo da letra que é característico dela). É difícil indicar com certeza se as receitas encontradas são escritas, copiadas ou transcritas por Helena já que não há elementos que indiquem a fonte da receita. Pela comparação realizada entre receitas que contém vários erros de grafia, por exemplo, e outras que estão corretamente escritas podemos pensar que as primeiras não foram copiadas de algum material impresso, porém não podemos confirmar que quando copiava receitas, por falta de atenção ou qualquer outro motivo, Helena não cometesse também erros de grafia.

Um elemento percebido a partir do caderno é a relação de Helena com outras pessoas a partir da cozinha e das receitas. Como já explicitado, podem ser encontradas escritas de outras pessoas em folhas soltas colocadas entre as páginas do caderno. Estes elementos mostram parte da rede de relações que se forma a partir da cozinha e do caderno de receitas. Se por um lado o caderno é um objeto particular, este acaba sendo consultado por outras pessoas e recebe também interferências diversas. Sabe-se que é comum a troca de receitas entre as pessoas e isto fica registrado no caderno de Helena, pois é nele que ela armazena as receitas trocadas e o diálogo estabelecido com outras pessoas. Um exemplo desta prática é uma receita encontrada em folha solta entre as páginas do caderno em que sua sobrinha Mazé escreve uma dedicatória.

Cupa da vó de conchal

3 ovos
 2 x de açúcar
 4 x de trigo
 2 colheres de manteiga
 2 x de leite
 1 colher de fermento bem cheia (em pó)
 Canela

5 colheres de açúcar
 2 " de trigo
 1 pacote canela em pó
 Um pouco de margarina

Bater como se fosse um bolo.
 Pôr para assar.

Sia Lena aí estão duas receitas,
 uma é a de minha mãe, e a
 outra de avô do Simadêu.
 As duas são boas, e dão sempre
 certo, espero que a senhora goste.

Um abraço.
 Mazé

Figura 16 – Receita com dedicatória escrita por Mazé para Helena

A escrita no caderno, a seleção de receitas e a comunicação que se estabelece entre sujeitos e que se faz a partir de elementos da cozinha para Helena nos faz pensar sobre o papel deste espaço para a sociabilidade da cozinheira. Pelos dados colhidos em entrevista, seus cadernos de receitas e livros de orações foram os únicos objetos escritos possuídos por Helena, sendo seus cadernos de receitas os únicos escritos de sua autoria. A cozinha parece ser, portanto, um espaço escolhido por Helena e é principalmente nele que esta mulher faz uso da leitura e escrita. Seja aprendendo receitas pela televisão, lendo livros sobre o assunto ou recolhendo artigos de jornais, é o tema da culinária que mobiliza Helena a fazer uso da língua escrita.

Quando escreve e monta seu caderno de receitas, à primeira vista, nos parece que Helena faz algo para uso particular, para sua consulta. Porém todo este conteúdo recolhido por ela assume um fim prático quando se expõe no cozinhar de Helena, ato muito caro à ela. Roseli, uma das filhas gêmeas de Helena, explicita este fato ao falar de sua mãe em entrevista:

Ficava satisfeita de ver sua família se alimentar com tanto gosto. Nunca negou um prato de comida para o necessitado. Era feliz assim. (...) Gostava de receber a família para almoçar ou para um lanche. Fazia sempre os pratos que os netos mais gostavam. Sua alegria era ver todos reunidos a mesa e comendo...comendo e comendo.⁶

Em alguns momentos foi na cozinha que a autora encontrou a possibilidade de obter recursos para sustentar a família, mas era também aquele um local que lhe dava muito prazer, como afirma seu primeiro neto João:

Ela cozinava com o avental de "guerra" dela no mesmo fogão simples quatro bocas que é o único que conheci em toda existência dela. Enquanto cozinava escolhia os ingredientes para atender a todos. Exemplo: em uma bacalhoadada, punha bastante ovo de codorna porque "fulano" gosta, bastante batata para "ciclano". Farofa? Doce e salgada. Feijoadada? Bastante linguiça porque fulana não gosta de carne de porco. Acompanhamento? Maionese. Ah! Batatonese pro fulano. (...) A vó era sempre a última a sentar e a primeira a levantar. Ela não comia muito, falava que não gostava

⁶ GONÇALVES, Roseli Lopes (Segunda filha de Helena, gêmea de Rosângela). Entrevista concedida em 15/10/2012.

de experimentar e comer o que ela cozinhava. Gostava de ver os outros comendo. E comendo muito.⁷

Concluimos que o caderno de receitas foi um material cultivado e utilizado quase vinte anos da vida de Helena. Sua confecção envolve ações complexas como escolha de suporte, organização, leitura, seleção, apropriação, escrita, resignificação, classificação. Ele foi, evidentemente, objeto de consulta particular, porém serviu como fonte para materialização de coisas coletivas: grandes e fartas refeições em grupo ou para alguém em especial que marcaram profundamente aqueles que puderam provar as receitas de Helena. Verificamos ainda o estabelecimento de relações a partir do caderno; um exemplo disso é a troca de receitas que se realiza entre Mazé e Helena.

O cozinhar, como fazer cotidiano, implica uma sensibilidade e quantidade de gestos e saberes bastante amplo. Como afirma Giard (2009), são requisitados no preparo dos alimentos grande ritualização e investimento afetivo, além da própria memória. O cozinhar é, portanto, um ato mental e manual que demonstra uma preocupação pelo corpo do outro. Muitos dos gestos necessários às atividades na cozinha se desenvolvem com a própria prática ou são recordados a partir de ações observados de outras pessoas. Parte do mental, entretanto, pode ter como auxílio um caderno de receitas que compila uma quantidade de informações significativas para aquela que cozinha. A montagem deste material é algo muito particular e se pauta em objetivos específicos. Helena optou por manter um material como este para o auxílio do seu cozinhar e parece ter claro o porquê do seu caderno: escrever para realizar e realizar para os outros.

⁷ BECK, João Manoel Lopes (Primeiro neto de Helena). Entrevista concedida em 18/10/2012

Considerações finais

Este trabalho se propôs a voltar seu olhar para um material relacionado aos fazeres na cozinha de uma mulher. O caderno de receitas de Helena, como objeto de estudo deste trabalho destaca-se por sua especificidade como fonte relacionada ao cotidiano que traz em suas páginas outro aspecto “comum”: a escrita ordinária. Pela autoria e contexto de montagem este material poderia ser classificado como um objeto relacionado à cultura popular, porém pensamos que esta não é uma discussão determinante para este trabalho uma vez que a classificação poderia prejudicar o estudo do cotidiano na sua relação com as práticas sociais.

Destacamos que o caderno de receitas é um material específico e pessoal. Ao analisarmos as fases da montagem de um caderno de receitas criamos a imagem de uma mulher cozinheira, que fez da cozinha o sustento de sua família, que serviu aos outros, que ampliava seus conhecimentos sobre o assunto, que criava relações em torno da cozinha e defendia a importância do alimento e a hora das refeições.

A escolha do suporte do caderno de Helena (um caderno universitário) se relaciona aos usos à que se destina este material. Seu critério de montagem, por sua vez, é feito de modo que faça sentido para a autora. A materialidade do escrito também se relaciona aos materiais que Helena manipula para a montagem de seu caderno. No momento em que recorta jornais, encartes e embalagens de alimentos ela está ressignificando estes impressos para que este material lhe seja útil e possa mais tarde servir de referência para seu fazer na cozinha.

Uma vez escolhido o suporte o conteúdo do caderno passa a ser selecionado. A leitura se coloca como ato primordial neste processo seja na cópia de receitas, seleção de trecho de jornal ou recorte de receitas vindas de embalagens de produtos alimentícios. Lendo, Helena estabelece uma relação com os materiais que consulta. A leitura, seleção, recorte e colagem destes materiais são atos que materializam a apropriação e ressignificação que Helena faz dos materiais a que tem acesso e que servirão à confecção do caderno.

Não podemos deixar de destacar a contribuição dos recortes de jornal encontrados no caderno para pensarmos sobre a época em que este foi montado e os discursos que circulavam naquela época. Os temas recorrentes em alguns recortes no caderno podem sugerir temas que despertavam o interesse de Helena, porém não é algo que possa ser confirmado.

Aliada à leitura verificamos a escrita. Quando escreve em seu caderno, Helena personaliza-o, pois as marcas que deixa são particulares e trazem indícios, por exemplo, do

seu conhecimento sobre as receitas. São o cozinhar e as necessidades que esse fazer impõe que mobilizam Helena para a escrita/montagem de um material que auxiliará suas atividades culinárias.

O cozinhar para Helena não se restringe a algo particular, mas tem objetivo primordialmente coletivo, visando o outro. Quando busca e seleciona materiais para a montagem do seu caderno de receitas, Helena parece estar fazendo um material para sua própria consulta, entretanto, quando as receitas se transformam em refeições, o uso particular do caderno se mostra coletivo já que visa à alimentação de outros e não apenas daquela que é dona do caderno.

Verificamos também a partir do objeto de estudo deste trabalho que o processo de escrita/montagem do caderno de receitas não é algo totalmente solitário já que se observa a presença da escrita de outras pessoas no caderno. Estas aparecem como receitas copiadas diretamente nas folhas do caderno por outras pessoas ou em folhas soltas que demonstram a comunicação que pode se estabelecer pela troca de receitas entre parentes, por exemplo. Mais uma vez notamos que os fazeres da cozinha, que tantas vezes podem parecer ações solitárias, envolvem a coletividade e a comunicação entre pessoas.

Objetivamos com este trabalho investigar os fazeres cotidianos. Motivou-nos o desafio proposto por Michel de Certeau de interrogar práticas que aparentemente despretensiosas mostram ao pesquisador uma variedade de ricos elementos ligados à vida da “pessoa comum”. Houve o esforço e a busca pelo entendimento de especificidades que são elementares na pesquisa relacionada à história. Buscou-se olhar para questões como o lugar social de onde se fala, o estabelecimento e reelaboração das fontes documentais que podem servir ao estudo e a própria escrita do trabalho que deve ser problematizada.

Enfim, verificamos nos fazeres da cozinha uma possibilidade de estudo no que se refere a um material que lhe auxilia: o caderno de receitas. Observamos que a culinária foi uma atividade que mobilizou Helena a fazer uso da leitura e da escrita. Destacamos, porém, que estas práticas, apesar de servirem à montagem de um material de uso muito particular, não tem seu fim na individualidade. Principalmente, mostram-se indícios de um modo corriqueiro de sociabilidade cujo objetivo final revela-se naquilo que se compartilha à mesa.

Referências bibliográficas

ABDALA, Mônica Chaves. **A cozinha e a construção da imagem do mineiro**. São Paulo, SP: s.n., 1994.

AZEVEDO, Luciene. **Blogs: a escrita de si na rede dos textos**. Matraga, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p.44-55, jul./dez. 2007. Disponível em <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a03.pdf>> Acesso em: 20/06/2012

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: _____. A estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

CARVALHO, Marta. M. C. **Por uma história cultural dos saberes pedagógicos**. In.: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (org.). Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, 1998, p. 31-40.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Edição 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Edição 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. **As práticas da escrita**. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges (Orgs.). História da vida privada: 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001a.

_____. (org.). **Práticas da leitura**. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

_____. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-192. (Texto apresentado no seminário Popular Culture, an Interdisciplinary Conference, realizado no Massachusetts Institute of Technology de 16 a 17 de outubro de 1992. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira) Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2005>. Acesso em 06/11/12

_____. **Escutar os mortos com os olhos.** Revista Estudos Avançados/ USP [online], São Paulo, vol. 24, nº69, 2010, p. 07-30. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a02.pdf>> Acesso em: 04/02/13

_____. **Do códice ao monitor: a trajetória do escrito.** Revista Estudos Avançados/ USP [online], São Paulo, vol.8, n.21, 1994, p. 185-199. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>> Acesso em: 04/02/13

COUTO, Cristiana Loureiro de Mendonça. **Alimentação no Brasil e em Portugal no século XIX e o que os livros de cozinha revelam sobre as relações entre colônia e metrópole.** São Paulo, SP: [s.n.], 2003. 171 f.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro.** CEDAP, v.3, n.1, 2007. Disponível em <http://www.cedap.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/maria_teresa.pdf> Acesso em 20/06/2012.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese.** 23ª Edição, São Paulo: Perspectiva, 2010.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **As caixas de papéis de Nilce Lea: memórias e escritas de uma simples professora?** História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 69-80, abr. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29201/pdf>> Acesso em: 20/06/12

FREYRE, Gilberto **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Edição 50. São Paulo, SP: Global, 2004.

_____. **Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. Edição 14. ed. SP: Global, 2003.

_____. **A presença do açúcar na formação brasileira / Gilberto Freyre**. Imprensa Rio de Janeiro, RJ: Instituto do Açúcar e do Alcool, Divisão Administrativa, Serviço de Documentação, 1975.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das letras, 3ª ed., 1989, p. 143 - 179.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº1, jan./jun. 2001, p.09-43.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Uma contribuição da história para uma História da Educação**. *Em Aberto*. Ano 9, nº 47, Brasília, INEP, p. 29-35, jul./set. 1990.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jaqueline T. **Por trás das coleções: uma experiência com acervos da história da saúde**. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, 2005 p. 49 – 54 Disponível em <http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_marques_silveira.pdf> Acesso em: 20/06/2012

MIGNOT, Ana C. V. **Vitrine de guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de prevenção da memória escolar**. 2005. Trabalho apresentado ao Fórum Permanente de Arte e Cultura – Mesa-redonda: “Educação e Patrimônio: Cultura Material como Suporte de Memória”. Disponível em <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=escrita+ordin%C3%A1ria&source=web&cd=5&ved=0CFwQFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.cmu.unicamp.br%2Fseer%2Findex.php%2Fresgate%2Farticle%2Fdownload%2F195%2F196&ei=lZDfT8W1>>

[DYiI9QSwv_zhCg&usg=AFQjCNEVvf2I6yys2gP7bkwUfRtQ6jrJbw](http://www.alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_3371.pdf)> Acesso em: 20/06/2012

MORAES, Marilza B. **O texto como objeto de estudo: escrevendo na escola.** In: COELHO, Lígia Martha (Org.). Língua materna nas séries iniciais do ensino fundamental. De concepções e de suas práticas. Petrópolis: Vozes, 2009.

NUNES, Clarice. **História da Educação: espaço do desejo.** *Em Aberto*. Ano 9, nº 47, Brasília, INEP, p. 37-45, jul./set. 1990.

PIAZZA, Maria de Fátima F. Entre **práticas de escrita e de leitura: as escrituras ordinárias no epistolário portinariano.** 2009. Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_3371.pdf> Acesso em: 20/06/2012

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22ª Edição, São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. **Nada é mais gratificante do que alfabetizar – Entrevista.** In: Letra A: o jornal do alfabetizador. CEALE, Belo Horizonte, v.1, abr/mai, 2005

THIES, Vania G. **As “escritas ordinárias” no cotidiano de irmãos agricultores.** Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/678.pdf>> Acesso em: 20/06/12

_____; PERES, Eliane. **Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor - uma prática de escrita "masculina".** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, vol.14, no.41, May/Aug. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782009000200002&script=sci_arttext> Acesso em: 20/06/12

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)**. *Rev. Bras. Hist.*, vol.23, no.45, p.37-70, Jul 2003.

WARDE, Miriam Jorge. **Anotações para uma historiografia da educação brasileira**. *Em Aberto*. Ano, 3, nº 23, Brasília, INEP, set./out. 1984.

_____. **Contribuições da História para a Educação**. *Em Aberto*. Ano 9, nº 47, Brasília, INEP, jul./set. 1990.